

UMA HISTÓRIA DE SALAMES ROUBADOS

O senhorio italiano do meu filho em Brooklyn tinha um barracão nas traseiras em que curava e defumava salames. Certa noite, durante uma onda de pequeno vandalismo e furtos, o barracão foi arrombado e levaram os salames. No dia seguinte, o meu filho falou com o senhorio sobre o sucedido, lamentando as salsichas desaparecidas. O senhorio mostrou-se resignado e filosófico, mas corrigiu-o: — Não eram salsichas. Eram salames. — Mais tarde, o incidente foi descrito numa das revistas mais importantes da cidade como um divertido e colorido incidente urbano. No artigo, o repórter chamava “salsichas” aos bens roubados. O meu filho mostrou o artigo ao senhorio, que não tivera conhecimento da sua publicação. O senhorio mostrou-se interessado e contente de a revista ter achado que valia a pena relatar o incidente, mas acrescentou: — Não eram salsichas. Eram salames.

O PÊLO DO CÃO

O cão foi-se. Sentimos falta dele. Quando a campainha toca, ninguém ladra. Quando chegamos tarde a casa, não há ninguém à nossa espera. Ainda encontramos os seus pêlos brancos por toda a casa e na nossa roupa. Apanhamo-los. Devíamos deitá-los fora. Mas são tudo o que nos resta dele. Não os deitamos fora. Temos uma esperança irracional — se conseguirmos juntar os suficientes, talvez possamos reconstituir o cão.

HISTÓRIA CIRCULAR

Nas quartas-feiras ao início da manhã, há sempre uma grande algazarra na rua. Acorda-me e fico sempre a pensar no que será. É sempre o camião do lixo a recolher o lixo. O camião passa todas as quartas-feiras ao início da manhã. Acorda-me sempre. Fico sempre a pensar no que será.

IDEIA PARA UMA PLACA

No começo de uma viagem de comboio, as pessoas procuram um bom lugar, e algumas observam atentamente as pessoas em volta que já escolheram os seus lugares, para tentarem perceber se serão bons vizinhos.

Talvez fosse útil se cada um de nós usasse uma pequena placa a dizer de que maneiras poderemos, ou não poderemos, vir a incomodar os outros passageiros, por exemplo: não falarei ao telemóvel; não comerei alimentos com um cheiro forte.

Na minha, apareceria: nunca falarei ao telemóvel, para além de uma pequena chamada para o meu marido, no início da viagem de regresso a casa, resumindo a minha ida à cidade, ou, mais raramente, de um curto aviso a um amigo, no caminho para lá, de que me atrasarei; mas reclinarei o assento o mais que puder durante quase toda a viagem, excepto quando almoçar ou lanchar; poderei até ajustá-lo ligeiramente de vez em quando, no decurso da viagem; mais cedo ou mais tarde, comerei alguma coisa, normalmente uma sanduíche, às vezes uma salada ou uma taça de arroz-doce, aliás, duas taças de arroz-doce, embora das pequenas; a sanduíche, quase sempre de queijo suíço, mas na verdade com muito pouco queijo, uma só fatia, e alface e tomate, não terá um cheiro muito forte, pelo menos na minha opinião; sou o mais cuidadosa que posso com a salada, mas comer salada com um garfo de plástico é algo de estranho e difícil; sou cuidadosa com o arroz-doce, comendo pouco de cada vez, mas a cobertura selada da embalagem pode fazer um súbito ruído forte quando a arranco; poderei destapar várias vezes a minha garrafa de água para beber, sobretudo enquanto comer a minha sanduíche e cerca de uma hora depois; poderei ser mais inquieta do que outros passageiros, e poderei ocasionalmente limpar as mãos durante a

viagem com um frasquinho de desinfectante, por vezes usando um creme para as mãos a seguir, o que implica mexer na minha mala, tirar uma bolsinha de artigos de *toilette*, abri-la e, quando acabo, voltar a fechá-la e a guardá-la na minha mala; mas também me poderei sentar completamente calada por alguns minutos ou mais, a olhar pela janela; poderei não fazer mais nada para além de ler um livro durante quase toda a viagem, exceptuando um passeio pelo corredor até à casa de banho e de regresso ao meu lugar; mas, noutra dia, poderei pousar o livro de tempos a tempos, procurar um caderninho de notas na mala, tirar o elástico que o fecha, e escrever um apontamento; ou, se estiver a ler um número antigo de uma revista literária, poderei arrancar algumas páginas para as guardar, embora tente fazê-lo só quando o comboio estiver numa estação; por último, após um dia na cidade, poderei desatar os atacadores e tirar os sapatos durante parte do trajecto, sobretudo se os sapatos não forem muito confortáveis, depois pousar os pés descalços em cima dos sapatos em vez de directamente no chão ou, muito raramente, tirar os sapatos e calçar uns chinelos, se tiver levado um par, quase até chegar ao meu destino; mas os pés estão bastante limpos e as unhas estão pintadas com um belo verniz vermelho.